

## O ESTUDO DA TROPOLOGIA COMO FORMA DE TRADUÇÃO DO DISCURSO SOBRE TEORIAS ECONÔMICAS

Thiago Martins Prado<sup>1</sup>

**Resumo:** O estudo investiga, em algumas narrativas científicas da teoria econômica, como as figuras de retórica são utilizadas de modo a ampliar a sua capacidade tradutória aos não-especialistas da linguagem técnica da economia e como tais figuras reproduzem a configuração ideológica formadora do aparato teórico-conceitual.

Este artigo divulga alguns resultados da pesquisa *Estratégias literárias em discursos contemporâneos sobre crise*, cuja temática centrou-se nas figuras de retórica utilizadas na linguagem econômica para comentar a crise econômica de 2008. A partir disso, novas perspectivas são aqui também traçadas para futuras investigações. Alguns exemplos de narrativas científicas econômicas que utilizaram artifícios literários para explicar ou para antecipar a crise financeira mundial iniciada em 2008 são retomados e outros serão apresentados nesse estudo, considerando-se tanto o valor compositivo da figura de retórica eleita para a montagem do conceito no discurso econômico como também o comprometimento ideológico que tal recurso literário sugere.

Preliminarmente, estudos anteriores examinaram a alegoria do cisne negro por Taleb, o uso da metonímia por Minsky e o recurso da hipérbole realizado por Joseph e Still (PRADO, 2015 e 2017). A alegoria do cisne negro, de Nassim Nicholas Taleb (2008), por exemplo, foi revisada como uma crítica ambígua ao sistema de previsão econômica de larga escala e à epistemologia contemporânea. Observou-se que a alegoria do *cisne negro* é uma figura de retórica que abarca a área econômica tornando-a como uma especificidade da epistemologia contemporânea. Como teórico da incerteza, com uma vida acadêmica consolidada a partir de tais estudos, a crítica de Taleb enfatiza a fragilidade dos sistemas de previsão econômica como parte de uma reforma maior em relação ao sistema de conhecimento hodierno. Nesse sentido, a alegoria de Taleb acaba por isentar a responsabilidade do discurso técnico-científico da área da economia, assim como tira dele a possibilidade de resolução de um problema que lhe é maior e que somente será resolvido se alterados os parâmetros de análise da causalidade recorrente. Taleb direciona o assunto da crise econômica para a área da Epistemologia – em que se reconhece a posse maior do próprio filósofo da incerteza. A partir das análises de Hyman Minsky (2009), observou-se como a contaminação metonímica da economia pelas unidades *especulativas* ou pelas unidades *Ponzi* foram derivadas, principalmente, das políticas de empréstimos alimentadas pelas instituições financeiras. No caso de Minsky, o recurso da metonímia condiz com o seu posicionamento moderado em relação às formas de financiamento das unidades econômicas. A metonímia permite com que Minsky fale de uma parte nociva da política de empréstimos contemporânea sem que seja feita uma crítica radical da totalidade das operações financeiras. Com igual estratégia de colocação da metonímia, o economista apresenta a geração das unidades *especulativas* ou *Ponzi* como um fragmento indissociável do capitalismo financeiro. Entretanto, comenta que as escolhas das instituições com responsabilidade na política econômica podem promover instabilidade generalizada ao facilitar o agigantamento de tais unidades. Minsky preserva sua crença nos sistemas atuais do capitalismo financeiro que mantêm a estabilidade das unidades *hedge*, mas protesta em relação ao contágio da especulação sem qualquer princípio regulatório quanto à política de

---

<sup>1</sup> UNEB-PPGEL. E-mail: [minotico@yahoo.com.br](mailto:minotico@yahoo.com.br).

financiamentos. Por fim, ainda nesses estudos preliminares, verificou-se como o recurso da hipérbole em relação aos estudos de Milton Friedman (1978) sobre a teoria do estoque monetário denota ser a ferramenta discursiva mais adequada que os ativistas da área econômica William T. Still (1996), com o documentário *The money masters*, e Peter Joseph (2007, 2008 e 2011), com a trilogia *Zeitgeist*, reconheceram para explicar uma inevitável crise financeira em meio à atmosfera paradoxal da pressão inflacionária, do estímulo desenfreado ao consumismo e do risco de escassez de capital para o indivíduo contemporâneo. O uso da hipérbole por Still torna-se apropriado, pois, ao atribuir uma dimensão mais colossal às consequências negativas e inflacionárias da teoria do estoque monetário, pôde-se alterar a orientação de ajustamento da política monetária oriunda de Friedman para o de combate frontal ao controle da emissão de dinheiro. Em relação a Joseph, a crítica torna-se ainda mais radical quando ele contrapõe-se à própria necessidade de armazenamento ou de troca da lógica monetarista. O efeito da hipérbole como demonstração de distância de uma realidade acreditável no discurso de tais ativistas da área econômica associa-se a uma postura que precisa desvelar o entendimento padrão do discurso econômico e apontar, por proveitoso exagero ou defeito, uma realidade econômica trágica, mas disfarçada de normalidade cotidiana.

Tais estudos servem de mapas iniciais e outros futuros buscarão aprofundar a visão sobre tais autores, investigando-lhes publicações posteriores em busca de recursos tropológicos consistentes em seus discursos. De modo paralelo, dois empregos de figuras de retórica em narrativas científicas foram escolhidos para um estudo mais aprofundado da importância dessas para a montagem do discurso econômico em meio à discussão sobre a crise de 2008: o uso da ironia por Joseph Stiglitz e a alegoria do minotauro global por Yanis Varoufakis.

A importância da escolha dessas narrativas científicas orientou-se pela capacidade de generalização que assumiram depois de estourada a crise financeira mundial originalmente advinda da elevação do não pagamento dos Collateralized Debt Obligations (CDOs)<sup>2</sup>. No caso das narrativas científicas de Joseph Stiglitz e de Yanis Varoufakis, é inegável o sucesso do empreendimento da tradutibilidade da linguagem econômica para os leigos que tais autores criaram para comentar a crise de 2008 com um discurso desviante do *mainstream* de Wall Street e Washington. Acompanhados por uma atmosfera em que muitos leigos na área econômica buscavam entender os motivos da crise de 2008 e as suas consequências futuras no cotidiano, os livros de Stiglitz e Varoufakis (juntamente com os de Taleb) tornaram-se *best-sellers* da área de Economia – o que os tornou figuras bastante populares a, cada vez mais, frequentarem programas de televisão, escreverem ou serem entrevistados em jornais de repercussão internacional. Em relação a Stiglitz, o uso das ironias pode representar uma forma de resposta de um projeto de regulação e de investimento keynesiano que, estando do lado oposto das tendências predominantes da economia contemporânea demarcadas por Wall Street, foi desconsiderado e sufocado pelo fundamentalismo do livre-mercado imperante nos Estados Unidos. Toda uma geração que leu Keynes e toda uma geração ávida por uma compreensão mais simplificada do economista mais influente do século XX buscaram reviver as árduas lições de uma forma mais sintetizada e mais atualizada em Stiglitz, que investigou, com maior precisão, as assimetrias de informação no mercado. Quanto a Varoufakis, em meio à expansão da crise financeira para o continente europeu e para a unidade monetária, vitimando a Grécia drasticamente, a criação da alegoria do minotauro global assimilou o mito grego da Antiguidade como marca da cultura local ao mesmo tempo em que tal alegoria serviu de denúncia à postura

---

<sup>2</sup> Instrumentos financeiros que captam dinheiro emitindo obrigações próprias, antes de investi-lo em um misto de ativos, como empréstimos. Os CDOs que promoveram o colapso da economia norte-americana e mundial formaram-se como um misto de dívidas imobiliárias de alto risco com outras dívidas de baixo risco, como certificados do Tesouro dos EUA.

alemã no bloco europeu. Em meio ao declínio de um modelo de reciclagem de excedentes no comércio internacional, Varoufakis apontou o discurso de austeridade alemão como cúmplice e conivente dos interesses financeiros de Wall Street. A capacidade de explicar processos econômicos complexos por meio de uma linguagem simples foi testada pela alegoria do minotauro global e, em pouco tempo, Varoufakis estaria escrevendo outro *best-seller*, com um título que buscou ampliar as lições de Economia para uma faixa etária ainda mais jovem: *Conversando sobre Economia com a minha filha*<sup>3</sup>. Nessa perspectiva, tanto Stiglitz quanto Varoufakis apresentam uma retórica capaz de desafiar a crença na autonomia e no código cifrado da Economia. Ao contrário de observarem no conhecimento técnico fechado uma vantagem e um privilégio para os economistas, notam nisso um problema de comunicação a gerar assimetrias e problemas para a Economia e a impedir uma democratização maior de parâmetros mais justos da atividade econômica.

### Referências

FRIEDMAN, Milton. *Inflação: suas causas e consequências*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1978.

MINSKY, Hyman. P. A hipótese da instabilidade financeira. *Oikos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2. p. 314-320, 2009.

PRADO, Thiago Martins. As narrativas sobre a crise econômica mundial e a Madlântida de Palahniuk. In: CORREIA, Helena Heloísa Siqueira; DUARTE, Osvaldo Copertino; SOUZA, Valdir Aparecido de (Org.). *Isto não é um mapinguari*. Porto Velho: Poiesis Editora, 2015. p. 393-398.

PRADO, Thiago Martins. Figuras de retórica no discurso econômico para narrar a crise mundial de 2008. *Cadernos de Estudos Linguísticos (Unicamp)*, v. 59, p. 439-459.

STIGLITZ, Joseph. *O mundo em queda livre: os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TALEB, Nassim Nicholas. *A lógica do cisne negro: o impacto do altamente improvável*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008

THE MONEY masters. Direção (roteiro e comentários) de William T. Still. Produção: Patrick Carmack. Estados Unidos: 1996. [DVD]. (210 min), colorido.

VAROUFAKIS, Yanis. *Conversando sobre economia com a minha filha*. São Paulo: Planeta, 2015.

VAROUFAKIS, Yanis. *O minotauro global: a verdadeira origem da crise financeira e o futuro da economia global*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

---

<sup>3</sup> A palestra anual sobre Shakespeare no Rose Theatre, em Kingston, que foi realizada por Varoufakis, em 19 de março de 2018, fornece pistas de como a arte literária pode favorecer a compreensão da ciência econômica e como o próprio projeto de escrita do economista grego parece ter se valido dessa constatação para o aperfeiçoamento retórico de seu discurso como economista. O livro citado, de igual modo, estabelece diversas relações entre processos econômicos ao longo da história e enredos literários consagrados pela tradição.

ZEITGEIST, the movie. Direção (roteiro e comentários) de Peter Joseph. Estúdio GMP. Estados Unidos: 2007. [DVD]. (119 min), colorido.

ZEITGEIST: addendum. Direção de Peter Joseph. Zeitgeist Films. Comentaristas: Peter Joseph, Jacque Fresco, Roxane Meadows, John Perkins e outros. Estados Unidos: 2008. [DVD]. (123 min), colorido.

ZETGEIST: moving forward. Direção (roteiro e produção) de Peter Joseph. Estúdio GMP LLC. Comentaristas: Peter Joseph, Jacque Fresco, Roxane Meadows, Ashton Cline, Robert Sapolsky, Adrian Bowyer, Colin J. Campbell, James Gilligan, Gabor Maté e outros. Estados Unidos: 2011. [DVD]. (162 min), colorido.